

INDUSTRIALIZAÇÃO DA COREIA DO SUL SOB A ÓTICA DO *DYNAMIC ECONOMIC DEVELOPMENT MODEL*

Alexandre Black de Albuquerque¹

Sessões de Comunicações

Área 2: História Econômica e Economia Brasileira

Subárea: História Econômica Geral

Resumo

O artigo analisa através dos cinco estágios de desenvolvimento (*dynamic economic development model*) de Rajneesh Narula como em apenas duas gerações, tendo início na década de 1950, a Coreia do Sul transformou-se de um país agrícola e de baixa renda numa das economias mais dinâmicas do mundo. Para tanto, a Coreia desenvolveu um Estado indutor, quando não francamente intervencionista, além de investir maciçamente em educação, ciência e tecnologia. Sua estratégia de crescimento consistiu na criação de gigantescos conglomerados industriais com acesso farto a crédito subsidiado e outras vantagens fornecidas pelo Estado, que ao adquirirem dimensões inusitadas, tornaram-se fonte de imenso poder. A crise asiática de 1997, da qual o país não escapou, levou a uma reorganização desses conglomerados, acusados por muitos de terem precipitado a crise. De forma mais lenta, é verdade, o processo de desenvolvimento, no entanto, se manteve.

Palavras-chave: Coreia do Sul – Crescimento – Estado.

Abstract

We tried to analyze, through the five stages of development (*dynamic economic development model*) of Rajneesh Narula, at this article, how in just two generations, having begun in the 1950's, South Korea turned from an agricultural and low income country into one of the most dynamic economies in the world. Therefore, Korea has developed a state inducing, if not honestly interventionist, as well as investing heavily in education, science and technology. Its growth strategy has been the creation of huge industrial conglomerates with generous access to subsidized credit and other benefits provided by the state, these conglomerates, however, to acquire unusual dimensions also become a source of immense power. The Asian crisis of 1997, including the country, took to a reorganization of these conglomerates, now accused by many of having precipitated the crisis. Slowly, indeed, the development process, however, remained the same.

Keywords: South Korea – Growth – State

¹ Mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco.

1. Introdução

A Coreia do Sul tem sido um dos países de industrialização tardia mais bem-sucedido do pós Segunda Guerra Mundial, de fato, nos últimos sessenta anos a Coreia apresentou altas taxas de crescimento do Produto Interno Bruto – PIB com intenso desenvolvimento econômico e social, sendo hoje um dos líderes em áreas de ponta como a indústria eletrônica. Entre as razões apontadas para o sucesso sul coreano destacam-se: investimento maciço em educação, ciência e tecnologia – C&T, pontos comprovadamente vitais para o desenvolvimento a longo prazo, e redistribuição de renda no início do processo, o que aumentou o mercado para bens de consumo de massa. A Coreia do Sul também incentivou a formação de poupança interna, diminuindo a necessidade de recursos estrangeiros; o viés exportador de produtos elaborados também parece ter sido de grande importância, na medida em que suas empresas, para competir globalmente tinham que, obrigatoriamente, investir pesado em tecnologia, produtos e gerenciamento eficiente.

Para analisarmos o desenvolvimento Coreano utilizaremos como marco teórico os cinco estágios de Narula – ou *Dynamic Economic Development Model* –, sendo eles, de forma simplificada, os seguintes:

Estágio 1 – Países com economia baseada em bens primários e baixa taxa de investimento. O padrão educacional, em geral, é bastante deficitário. Comprometendo o processo de acumulação. Demanda fraca e pouco exigente. Nesse cenário a atuação estatal é vital para desencadear o desenvolvimento nacional.

Estágio 2 – Prevalece a ótica da substituição de importações e uma moderada orientação exportadora. Os monopólios e oligopólios ganham preponderância. Tem início a graduação tecnológica. Atuação estatal permanece vital.

Estágio 3 – Áreas tecnológicas assumem a liderança do processo de acumulação. A atuação estatal muda de orientação: mais gerenciamento e menos execução.

Estágio 4 – O país torna-se grande investidor em atividades de pesquisa e desenvolvimento – P & D localmente desenvolvidas. As empresas nacionais, estatais e privadas, tornam-se investidoras internacionais.

Estágio 5 – Declínio do crescimento econômico com níveis elevados de renda *per capita*. Tendência a formar blocos econômicos com outros países.

O *Dynamic Economic Development Model* mostra-se uma ferramenta interessante para análise do desenvolvimento de uma nação – com as limitações inerentes a qualquer sistema que tente explicar o desenvolvimento das nações – por englobar a dinâmica histórica que envolve esse processo como a graduação tecnológica, a mudança de atuação do governo e das empresas ao longo

do processo e até, com menos ênfase, a modificação qualitativa do padrão educacional da mão de obra.

O sistema de Narula surgiu derivado e como crítica a Porter e seu modelo de “vantagens competitivas das nações”, pouco afeito a intervenção estatal pois é fortemente calcado na capacidade das empresas de se desenvolverem em razão das “pressões e desafios” do mercado. Desta forma o modelo de Narula nos parece mais completo que o “Diamante² da Vantagem Nacional” de Porter. No entanto, as vantagens competitivas de Porter faz modificações importantes na teoria das vantagens comparativas que permeia parte do pensamento econômico desde Ricardo. Segundo NUNES FILHO (2006, p. 130),

[...]vale ressaltar, também, as diferenças entre vantagem comparativa e vantagem competitiva. A teoria das vantagens comparativas de Ricardo, trabalhada posteriormente por Heckscher e Ohlin, baseia-se na idéia que todas as nações têm tecnologia equivalente, mas diferem na disponibilidade dos chamados fatores de produção, como terra, mão-de-obra, recursos naturais e capital. Esses elementos, indissociáveis do processo produtivo, foram importantes no entendimento da busca de vantagens tanto entre nações como entre empresas. A otimização dos fatores de produção visando a redução dos custos e o aumento da produtividade foi essencial em termos de competitividade empresarial. Entretanto, a necessidade de extrapolar a utilização de mecanismos que busquem um incremento ainda maior na produtividade das empresas, e que contemplem outros fatores também integrantes da competição, fizeram com que a teoria da vantagem comparativa não fosse suficiente para explicar a evolução da competição real. Não incorporar elementos como a definição de estratégias próprias e individualizadas, a movimentação de capital e recursos humanos e tecnologia entre localidade e organizações, coloca limitações à Teoria com relação a uma explicação lógica dos novos cenários competitivos e às rápidas modificações tecnológicas e econômicas.

Sendo criticada especialmente em relação à questão tecnológica, mobilidade de capital e trabalho, entre outras, a teoria das vantagens comparativas influenciou uma gama de teorias sobre comércio internacional e desenvolvimento nacional. Suas limitações, no entanto, levou Porter a desenvolver sua teoria de vantagens competitivas. Segundo o autor,

A nova teoria deve ir além da vantagem comparativa, para se concentrar na vantagem competitiva dos países. Ela precisa refletir o conceito fecundo de competição, que inclui mercados segmentados, produtos diferenciados, diversidades tecnológicas e economias de escala. É importante que não se limite, aos aspectos de custo e explique porque as empresas de alguns países são melhores do que outras na geração de vantagens baseadas na qualidade, nas características e na inovação dos produtos. Esse novo corpo de conhecimentos partiria da premissa de que a competição é dinâmica e evolutiva, sendo fundamental que responda às seguintes

2 Segundo Porter o “Diamante” se baseia em quatro atributos: condições dos fatores; condições da demanda; setores correlatos e de apoio; estratégia, estrutura e rivalidade das empresas. “Cada ponto do ‘Diamante’ afeta os ingredientes essenciais para a consecução do sucesso competitivo nacional”. (PORTER, 1999, p. 178).

indagações: Por que algumas empresas baseadas em certos países inovam mais do que outras? Por que alguns países proporcionam um ambiente que capacitam as empresas a melhorar e a inovar com mais rapidez que os rivais externos?(PORTER, 199, p. 174).

Tendo em vista a questão da vantagem competitiva, e as restrições da vantagem comparativa, Nerula criou as cinco etapas do desenvolvimento, onde, ao contrário de Porter, o governo tem ação vital. As empresas, pelo menos no que tange as etapas 1 e 2, são pouco ativas na promoção do desenvolvimento e, segundo Nerula, vão, em geral, a reboque das políticas estatais.

No caso da Coreia do Sul, as vantagens competitivas foram sendo criadas, adaptadas e modificadas, pelo Estado, de acordo com a evolução econômica do país. A taxa de câmbio, por exemplo, foi mantida bastante desvalorizada até a década de 1980. A mão de obra barata, e pouco qualificada, teve papel importante no início do processo, ainda nos anos de 1950. No último decênio do século XX, no entanto, os salários tinham se elevado bastante e a mão de obra continuava extremamente importante para a continuidade do desenvolvimento coreano, mas, agora, em razão do alto padrão de qualificação que alcançara depois de muitos anos de intensos investimentos em educação.

2. Estado e Desenvolvimento na Coreia do Sul

A Coreia do Sul é um pequeno país com 99.900Km², com cerca de 49,5 milhões de habitantes (2014), uma das maiores densidades demográficas do mundo, situado no sudeste asiático. Fundado em 1948 como resultado da divisão da Coreia, etnicamente hegemônico, apresentou um intenso processo de desenvolvimento econômico e social nos últimos 60 anos. Em 2013 o PIB a preços correntes contabilizou 1,3 trilhão de Dólares³.

A industrialização da Coreia do Sul tomou corpo nos anos cinquenta, logo após o fim da Guerra da Coreia, quando o país ficou dividido entre o norte socialista e o sul capitalista. A partir deste momento, o sul criou um ambicioso plano de desenvolvimento onde o papel do Estado foi relevante, com resultados surpreendentes principalmente quando se leva em conta a pobreza do país em termos de recursos naturais. No início do seu desenvolvimento a Coreia era uma nação extremamente pobre e hoje se destaca como um dos grandes comerciantes globais. Nesse processo o Estado foi um importante indutor do desenvolvimento, criando condições propícias e atuando diretamente na alocação de recursos financeiros. O país,

3 Fonte: Organização das Nações Unidas – ONU.

[...] construiu um modelo econômico marcado por forte intervenção estatal. Consolidou-se uma relação muito próxima entre o Estado e os grupos empresariais, em que o primeiro, por meio de incentivos e sanções, procurou moldar uma estrutura industrial robusta e competitiva. O controle do setor financeiro deu ao Estado forte capacidade de promover os setores considerados estratégicos. Uma alta capacidade de monitoramento, propiciada por uma burocracia capacitada, garantiu que os incentivos fossem acompanhados de aumento de produtividade, elevação na competitividade e capacidade de exportação. Durante as décadas de 1960 a 1980, a implantação desse modelo levou a um rápido e bem-sucedido processo de industrialização. (GUIMARÃES, 2010, p. 47)

Esse desenvolvimento foi profundamente marcado por um viés exportador, sendo as exportações o motor do crescimento coreano desde meados dos anos de 1960, quando não faltaram subsídios financeiros, isenções fiscais e outras práticas governamentais consideradas desleais no comércio internacional. Este modelo não só permitiu à Coreia do Sul ter um rápido incremento das exportações, como também resultou, a longo prazo, numa mudança do perfil dos produtos exportados. No início, predominavam têxteis e outras mercadorias de baixo valor agregado e, hoje, o país é forte em bens de alto conteúdo tecnológico, como eletrônicos, semicondutores, carros e maquinário industrial. O papel do governo foi fundamental neste processo – a *Economic Planning Board* (EPB), agência governamental responsável pela formulação e execução dos planos de desenvolvimento era extremamente eficiente – pois o crédito, até recentemente, era administrado pelo Estado que escolhia as áreas a serem beneficiadas e obrigava as empresas a investirem pesado em tecnologia, e ele próprio era, e continua sendo, um grande investidor em C&T.

Este ciclo de crescimento industrial coreano também foi fortemente baseado na concentração de capital. Algumas poucas empresas, conhecidas como *chaebols* – conglomerados de empresas –, concentraram vários ramos de atividades que produziam de automóveis a navios, passando pela eletrônica e outros ramos. Essas indústrias foram escolhidas pelo Governo e receberam todos os incentivos possíveis, passando, em pouco tempo, a concentrar boa parte da economia coreana. É interessante notar que a evolução destes grupos, em relação ao campo de atuação, corresponde a da própria Coreia do Sul. Um exemplo foi o grupo SAMSUNG, que na década de 1950 atuava nos setores de açúcar e tecidos de lã, na década de 1960 entrou nos setores de fertilizantes, papel e eletrônica; indústria petroquímica, naval e tecidos sintéticos foram incluídos na década de 1970; os anos 1980 viram a entrada na indústria aeronáutica, de biotecnologia e semicondutores. Logo, o grupo SAMSUNG, assim como toda a Coreia do Sul, passou de uma fase industrial intensiva em mão de obra para uma economia intensiva em capital e tecnologia. A crise asiática de 1997⁴, no entanto, fez com que o governo desmembrasse estes conglomerados para dar a

⁴Em 1997 uma mega crise econômica abateu vários países do Sudeste Asiático, porém, não todos. Os que foram

eles mais eficiência, um reconhecimento de que o modelo tinha chegado a um impasse, sobretudo porque impedia um maior desenvolvimento das micros e pequenas indústrias, fundamentais para geração de empregos e renda e, reconhecidamente, mais capazes de criarem inovações tecnológicas e administrativas.

3. Educação e Ciência & Tecnologia: a força do conhecimento

A principal marca do desenvolvimento coreano é, sem dúvida, sua política educacional e de C&T. O sistema educacional foi moldado ao longo dos anos para ser um dos promotores do crescimento econômico. No final da década de 1940, era mínima a proporção da população em idade escolar que frequentava a escola e, conseqüentemente, o nível de analfabetismo era elevado. Em apenas uma década, no entanto, quase 100% das pessoas em idade escolar já estavam estudando e, no início dos anos de 1980 o analfabetismo tornara-se residual. Para tanto o gasto governamental em educação pulou de 2,5% do orçamento em 1951 para 23% em 1995 (MASIERO, 2002). Os gastos privados, empresas e famílias, também são elevados.

Vários outros países também apresentam rápido crescimento dos números relativos a educação formal. O que tem diferenciado a Coreia do Sul dos demais é a prévia expansão da educação de maneira a suportar as exigências das diferentes etapas de desenvolvimento do país. Muitas empresas possuem suas próprias escolas e desde 1974 o governo tornou compulsório o treinamento dos trabalhadores nas empresas de mais de 300 empregados, e com mais de 150 desde 1992, o que levou a constituição de vários centros de treinamento em todo o país. Além deles tem sido crescente as matrículas nos cursos técnicos de 2 a 3 anos de duração. A expansão desses programas ao longo das últimas duas décadas reflete o esforço de capacitação técnica em resposta ao aumento da complexidade industrial e crescentes demandas das empresas. (MASIERO, 2002, p. 206).

E não é apenas na educação fundamental ou no ensino médio que o país se destaca, o forte investimento no ensino técnico e no superior tornou a Coreia uma das nações com maior densidade de engenheiros e técnicos do mundo. Esse fato é fundamental para alimentar o desenvolvimento industrial, principalmente nos últimos anos, quando a país se estabeleceu em áreas tecnológicas que demandam alto conhecimento. Para chegar nesse estágio onde inovação é mais importante que

atingidos tinham em comum as seguintes características: pesado endividamento externo, elevados déficits em Conta Corrente, pouca transparência na administração do setor financeiro e mercado de capital interno aberto ao capital estrangeiro.

imitação a Coreia do Sul investe pesado em C&T. Segundo BARROS (2002, p.63-64),

O conceito de C&T adotado nos anos 60 e 70 pelos coreanos é praticamente limitado a capacidade de apreender, absorver, transmitir e usar tecnologia importada. A força do processo de C&T tinha o foco centrado na educação e o esforço não era gerar conhecimento mais criar condições de realizar o que os especialistas coreanos chamaram de “learning by doing”. Essa postura mudou e a nova fase inaugurada em 1986 foca a qualidade da ciência gerada no país, por que objetiva estabelecer uma nova condição expressa na fórmula “learning by research”.

É a partir da fórmula “learning by research” que a Coreia começa a se destacar no cenário internacional como produtora de bens com alto conteúdo tecnológico e provavelmente nenhum outro país do mundo subordinou tanto sua política tecnológica ao desenvolvimento industrial como a Coreia do Sul, levando a críticas que afirmam que o país investe muito em pesquisa aplicada e pouco em pesquisa básica, o que, no futuro, poderia condicionar o desenvolvimento. Essas críticas provavelmente têm fundamento, mas até o momento esse fato não parece prejudicar a trajetória ascendente da Coreia. Segundo KIM (2000, p. 11),

Technological capability refers to the ability to make effective use of technological knowledge in production, engineering, and innovation in order to sustain competitiveness in price and quality. Such capability enables a firm to assimilate, use, adapt, and change existing technologies. It also enables a firm to create new technologies and to develop new products and processes in response to the changing economic environment. Technological learning is the process of building and accumulating technological capability. To increase competitiveness, both governments and firms should be concerned with capability building. Those activities take place largely at firms, but the government’s public policy can establish important infrastructure that facilitates such activities.

Esse processo de desenvolvimento tecnológico se dá em três estágios entre os países periféricos – i) *Duplicative Imitation Stage*, ii) *Creative Imitation Stage* e iii) *Innovation Stage* –, sendo que poucos passam do primeiro estágio. No caso da Coreia do Sul a política tecnológica foi especialmente eficaz na interação entre a ação pública e privada tendo em vista possibilitar o processo de *catching-up* em relação aos países centrais. No primeiro estágio (*Duplicative Imitation Stage*) o crescimento industrial sul-coreano começou baseado na indústria leve intensiva em mão de obra, evoluiu para a eletrônica e naval até chegar a máquinas e equipamentos industriais na década de 1970, sempre com forte transferência tecnológica proveniente de nações desenvolvidas, EUA e Japão, sobretudo (KIM). No segundo estágio (*Creative Imitation Stage*) continuou a transferência de tecnologia estrangeira e aumentou o investimento em C&T, e foi estabelecida uma política ativa

visando o repatriamento de cérebros que foram para o exterior. No terceiro estágio (*Innovation Stage*) houve forte expansão de pesquisadores em universidades e centros de C&T, os *Chaebols* firmaram alianças com empresas estrangeiras visando o desenvolvimento de tecnologias de fronteira e houve amplificação do repatriamento de pesquisadores.

4. Indústria Eletrônica: síntese do modelo coreano

No final dos anos 60, o governo sul-coreano decidiu estabelecer incentivos a indústria eletrônica. Foi aprovada uma lei de incentivo a essa atividade que determinava quem poderia dela participar, criou-se um fundo de fomento que coordenava a criação de complexos industriais. Como resultado as exportações de eletrônicos da Coreia aumentaram à razão de 53% a.a., na década de 1970, e a produção à razão de 44% a.a.; e, em apenas vinte anos, entre 1967 e 1987, a renda do setor multiplicou-se por mil, passando de 10 milhões de dólares para 10 bilhões, tornando o país um dos líderes mundiais neste ramo (KANG, 1990).

Para chegar nestes números, o governo sul-coreano formulou uma estratégia para o setor de seis pontos:

1. Potencial de exportação.
2. Perspectiva de demanda interna.
3. Progresso geral do país.
4. Dependência mínima de matérias-primas.
5. Mínimo choque comercial.
6. Efeitos secundários benéficos.

A indústria eletrônica coreana tem seu início montando produtos com componentes estrangeiros, em seguida passou a produzir sob licença, localmente, os componentes de menor intensidade tecnológica e, em determinado momento, ela estava produzindo todo o equipamento. Assim nos anos de 1980, depois de intensos investimentos em pesquisa e desenvolvimento tecnológico, as empresas da Coreia do Sul finalmente passaram a desenvolver produtos com conhecimentos próprios, aumentando drasticamente os seus ganhos. Outra mudança observada, no período, foi o aumento substancial da participação de semicondutores e PCs no percentual da produção total de bens eletrônicos em detrimento dos bens de consumo, como TVs e aparelhos de som, mesmo levando-se em conta que o valor produzido destes últimos tenha aumentado de forma

drástica. Para a indústria eletrônica da Coreia o fundamental para chegar ao estágio atual foi não ter permanecido apenas como reprodutora de tecnologia copiada dos países centrais; partir para tentar criar sua própria tecnologia foi a chave que garantiu o sucesso.

Nos dias atuais, a Coreia do Sul ainda tem dependência tecnológica em relação às nações desenvolvidas, mas essa dependência vem diminuindo com o passar dos anos. Em verdade, o país hoje já recebe “royalties” de sua tecnologia. A indústria eletrônica demonstrou às empresas e ao Governo como concorrer globalmente e tirar proveito das vantagens competitivas: mão de obra educada e relativamente barata. Este processo foi rapidamente expandido para outras indústrias como a de maquinário industrial e automobilística. As empresas coreanas também se tornaram altamente capazes de determinarem que tipos de produtos os países centrais não tinham mais interesse de produzir e, rapidamente, ocupavam este mercado usando-o como plataforma para saltos mais ambiciosos.

A Coreia do Sul soube dosar relativamente bem a intervenção estatal para se desenvolver nos últimos 60 anos e, nem a crise de 1997, parece ter tirado a capacidade do país crescer. Esse período de crescimento econômico foi acompanhado por distribuição de renda melhora social, sendo que o salário médio dobrou, em termos reais, entre 1980 e 1995 e o mínimo triplicou no mesmo período (KANG, 1990).

5. Crises e Recuperação

A Coreia do Sul sempre teve dificuldade relativa ao financiamento da economia, se bem que isto seja normal a qualquer país periférico, no entanto, poucos outros países tiveram que alocar uma parte tão grande da renda nacional em defesa como consequência do eterno entrevero com a Coreia do Norte. Desta forma, os gastos militares ficaram sempre acima dos 5% do PIB e nunca representaram menos de 30% do orçamento do governo (KANG, 1990). Logo, com uma parte tão grande da renda nacional sendo consumida pelo setor de defesa, o país teve de se endividar pesadamente para manter altas taxas de crescimento econômico quando enveredou, nos anos de 1970, na industrialização pesada, e isso apesar de possuir altas taxas de poupança interna. Segundo Canuto,

A industrialização pesada sul-coreana, como as demais experiências de

desenvolvimento industrial “tardio”, envolveu descontinuidades quantitativas e qualitativas nos processos locais de acumulação de capital, superáveis apenas mediante centralização financeira. Também como em outros casos, recorreu massivamente ao sistema bancário privado internacional nos anos 70, período em que concentrou seu *drive* em direção a indústria pesada (metalurgia, química e metal-mecânica). (1944, p. 5).

Esse pesado endividamento levaria o país tanto a “crise da dívida” de 1982 como a “crise asiática” de 1997, no entanto, a Coreia se recuperou rapidamente nas duas ocasiões. Para Canuto a rápida recuperação da “crise da dívida” foi possível, sobretudo, graças ao crescimento baseado em exportação com mudança estrutural dos bens exportados – bens de maior valor agregado substituíram bens intensivos em mão de obra –, tornando acertada a opção pelo viés fortemente exportador do país. Essa postura foi adotada pelo Governo em razão do mercado interno relativamente pequeno e, por isso, incapaz de proporcionar a necessária economia de escala que viabiliza a indústria, notadamente a de alta tecnologia. Dessa forma, isso foi menos uma imposição e mais uma necessidade. E, ainda assim, o país, durante muito tempo, teve que praticar um forte protecionismo para evitar que as importações afetassem negativamente suas indústrias, para não falar dos subsídios às exportações, uma das únicas formas que a Coreia encontrou, principalmente no começo do processo de industrialização, para concorrer no mercado internacional. Na visão de KANG (1990, p.65),

Em primeiro lugar, houve subsídios financeiros, que foram o sustentáculo de muitas das atividades em que os exportadores precisam se envolver: aquisição e importação de matérias-primas no exterior, produção, atividade de marketing além-mar, e assim por diante. O Export-Import Bank propiciou fundos a baixo custo para atividades de exportação que exigiam longos ciclos de giro de capital. O câmbio se tornou disponível em condições atraentes para as firmas que necessitavam adquirir fábricas e equipamentos estrangeiros para a fabricação de produtos a serem exportados.

A crise asiática de 1997 teve componentes semelhantes à crise da década de 1980 e parece ter surpreendido o mundo, sobretudo porque a Coreia do Sul, maior símbolo do sucesso asiático nas últimas décadas, foi um dos países a fazer parte desse processo, os outros foram: Indonésia, Malásia, Tailândia, e Filipinas. Havia, contudo, muitas diferenças entre a Coreia e os outros países do grupo. Sobretudo do ponto de vista educacional, tecnológico e do valor adicionado às exportações. Em todos esses itens a Coreia estava em posição bem à frente dos demais. No caso da Coreia do Sul, os *chaebols* tiveram participação vital no processo que levou à crise. O gigantismo dessas empresas, e das estruturas produtivas sob seus comandos, levaram a uma permanente

necessidade de empréstimos “jumbos”. Desde os anos de 1960, como a Coreia não tinha condições de bancar toda carga financeira requisitada pelos grandes conglomerados, o país começou a acumular dívida externa.

Cada vez maiores os conglomerados foram aumentando seu poder político, de tal modo que, dependentes e submissos ao Estado até a década de 1970, passaram a financiadores de carreiras políticas. No início dos anos de 1990, ávidos de mais capital e com grande influência sobre as políticas públicas, os *chaebols* conseguiram impor uma forte desregulamentação financeira. GUIMARÃES (2010, p. 51) baseado em HAGGARD afirma que,

Um componente central da crise de 1997 foi o processo de desregulamentação financeira. Em 1991, pressionado pelos Estados Unidos, mas também pelos *chaebols*, o governo licenciou a atuação de bancos de investimento e eliminou a restrição para a emissão de *commercial papers*, favorecendo o endividamento de curto prazo em moeda estrangeira.

Continuando GUIMARÃES acrescenta que,

Posteriormente, medidas foram adotadas na direção de uma maior liberalização da conta de capitais. Estas reformas deram aos *chaebols*, que controlavam instituições financeiras não bancárias, grande oportunidade de lucros. A pressão dos *chaebols* ajuda a explicar a forma assumida pelo processo de liberalização, centrado em facilitar o acesso ao crédito internacional, mas restringindo a participação estrangeira nos mercados de títulos e ações.

A desregulamentação financeira propiciando um intenso endividamento de curto prazo e uma forte apreciação da moeda, que reduziu a competitividade do país, resultou em elevados déficits em conta corrente. Quando, em 1997, os investidores externos temeram pela solvência das firmas coreanas e por uma possível desvalorização da moeda local, simplesmente, como é usual nesses casos, cortaram as linhas de crédito ao país, o que acabou por provocar a temida desvalorização cambial e a insolvência não só das firmas, mas do próprio país.

Com o colapso cambial e a falência de vários *chaebols* a Coreia foi obrigada a aceitar um pacote internacional de ajuda no valor de 58,3 bilhões de dólares e seguir várias recomendações do FMI – contração do crédito, aperto fiscal, aumento dos juros, etc –, no entanto o governo contrariou certos aspectos do plano de resgate por entender que eles agravavam a crise, e parece ter convencido os credores disso, tanto que os juros de curto prazo caíram bastante. A dívida pública, no entanto, pulou de 17,3% do PIB em 1997 para 41% 1999 (CANUTO). O mais importante foi que

a Coreia do Sul conseguiu reverter seu déficit em conta corrente e, já em 1998 teve um grande superávit, proporcionando desta forma moeda forte para fazer frente ao serviço da dívida. Além disso, o Estado atuou de forma decisiva para contornar o mais rápido possível a crise. Como salienta CANUTO (2002, p. 319),

Dois fatores têm sido básicos na recuperação coreana. Primeiro, as exportações, puxadas pelo bom desempenho de vendas de produtos eletrônicos, particularmente de semicondutores [...] Segundo fator-chave na recuperação tem sido a atuação do setor público. Seu papel ativo na recuperação do setor financeiro, após o início da crise, impediu que essa deixasse seqüelas (sic) maiores sobre a base produtiva, a qual justamente tem permitido a rápida recuperação de exportações e crescimento.

Além da preocupação com a recuperação do setor financeiro, o Estado coreano impôs aos *chaebols* a reestruturação administrativa e, sobretudo, um processo de desmembramento que implicasse na diminuição do tamanho dos conglomerados. Em poucos anos, a maior parte das grandes empresas coreanas reduziram substancialmente seu endividamento. Em decorrência, ocorreu uma rápida recuperação da crise seguido pela continuidade do desenvolvimento do país.

A crise asiática de 1997⁵, no entanto, fez com que o governo desmembrasse estes conglomerados para dar a eles mais eficiência, um reconhecimento de que o modelo tinha chegado a um impasse, sobretudo porque impedia um maior desenvolvimento das micros e pequenas indústrias, fundamentais para geração de empregos e renda e, reconhecidamente, mais capazes de criarem inovações tecnológicas e administrativas.

6. Conclusão

No início dos anos de 1950 a Coreia do Sul era um país agrário, pobre e que ainda por cima passava por uma guerra devastadora, some-se a isso uma população formada em sua esmagadora maioria por analfabetos, ou seja, um típico país do primeiro estágio da tese de Narula. Na década de 1960 ganha força a substituição de importações e uma moderada orientação exportadora. Os *chaebols* tornam-se preponderantes, levando o país a entrar na era do capital monopolista e tem início a graduação tecnológica, como preconiza o segundo estágio de Narula. Nas 3 décadas

⁵Em 1997 uma megacrise econômica abateu vários países do Sudeste Asiático, porém, não todos. Os que foram atingidos tinham em comum as seguintes características: pesado endividamento externo, elevados déficits em conta corrente, pouca transparência na administração do setor financeiro e mercado de capital interno aberto ao capital estrangeiro.

seguintes (70,80 e 90) a Coreia passa seguidamente pelo estágio 3 – Áreas tecnológicas assumem a liderança do processo de acumulação. A atuação estatal muda de orientação: mais gerenciamento e menos execução – e 4 – torna-se grande investidor em atividades de P & D localmente desenvolvidas. As empresas nacionais, estatais e privadas, tornam-se investidoras internacionais –. É verdade que a nação asiática, no século XXI, incorporou uma das características da quinta fase, o declínio do crescimento econômico, mas com uma renda *per capita*, que ainda é, em média, metade da dos países centrais e sem conseguir completar o processo de *catching-up*. Por outro lado, apenas o Japão realizou esse processo com sucesso, começando sua trajetória bem antes da Coreia do Sul, e, ainda assim, sessenta anos depois, a Coreia tornou-se referência mundial em educação, indústria de ponta e políticas públicas. Não foi um caminho fácil, dotada de poucos recursos naturais, formulou como estratégia de desenvolvimento um constante processo de absorção tecnológica dos países centrais e, a partir dos anos de 1990, também da busca pela liderança em áreas de ponta. Desta forma nem a crise de asiática de 1997 e nem eventuais erros e desacertos cometidos pelo governo e/ou pelos grandes conglomerados foram capaz de tirar o país dessa rota.

O desenvolvimento proporcionou uma melhora substancial no nível de vida da população e uma relativa independência econômica que possibilita a continuidade do processo num futuro previsível. O país demonstrou a todas as outras nações periféricas, de forma inequívoca, que o investimento em educação, C&T e distribuição equitativa de renda são vitais para se libertar das amarras do subdesenvolvimento, e também que a participação do Estado, direcionando investimentos, investindo em C&T e proporcionando um ambiente econômico saudável contribui sobre maneira para que o desenvolvimento econômico e social não permaneça uma miragem inalcançável.

Referências Bibliográficas

BARROS, Hélio G.. Política científica na Coreia: evolução da máxima tecnologia contida na educação à máxima ciência contida no conhecimento. In: GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. (Org.). **Coreia: visões brasileiras**. Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, Fundação Alexandre de Gusmão, 2002. p. 59-99.

CANUTO, Otaviano. Fluxos de capital, crise e recuperação da Coreia do Sul. In: GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. (Org.). **Coreia: visões brasileiras**. Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, Fundação Alexandre de Gusmão, 2002. p. 281-323.

_____. O Padrão de Financiamento na Industrialização Coreana. In: **Revista de Economia Política**. São Paulo, v. 14, no. 3 (55), jul/set 1994. p. 5-19. Disponível em <<http://www.rep.org.br/pdf/55-1.pdf>> acesso em 22/01/2015.

GUIMARÃES, Alexandre Queiroz. Estado e economia na Coreia do Sul: do Estado desenvolvimentista à crise asiática e à recuperação posterior. In: **Revista de Economia Política**. São Paulo, v. 30, no. 1, mar 2010. p. 45-62. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31572010000100003&script=sci_arttext> acesso em 16/01/2013.

KANG, T. W.. **Coréia, o novo Japão: estrutura, estratégia e táticas que explica seu crescente êxito como potência industrial**. 1 ed. São Paulo: Maltese, 1990.

KIM, Linsu. The Dynamics of Technological Learning in Industrialisation. In: **Internacional Social Science Journal**. Holanda. Disponível em <<http://www.intech.unu.edu/publications/discussion-papers/2000-7.pdf>> acesso em 20/01/2015.

MASIERO, Gilmar. A economia coreana: características estruturais. In: GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. (Org.). **Coréia: visões brasileiras**. Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, Fundação Alexandre de Gusmão, 2002. p. 199-252.

NUNES FILHO, Paulo de Souza. **Vantagem Competitiva: precedentes teóricos da análise do diamante nacional de Porter**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Escola de Administração, 2006.

PORTER, Michael E.. A Vantagem Competitiva das Nações. In: _____. **Competição: estratégias competitivas essenciais**. Rio de Janeiro. Campus, 1999. p. 167-208.